

REPETÊNCIA

Folha de S. Paulo
27.7.2008 p. 66

deixa de ser exceção

MAIS DA METADE DOS JOVENS BRASILEIROS JÁ REPETIU O ANO; ÍNDICE DE REPROVAÇÃO É ALTO MESMO NAS CLASSES A E B [Por Antônio Gois, da Sucursal do Rio, e Gustavo Hennemann, Colaboração para a Folha]

Um país que ostenta uma das maiores taxas de reprovação do mundo não poderia produzir outro resultado que não o revelado pelo Datafolha: mais da metade (54%) dos jovens brasileiros já repetiu o ano na escola.

Esse percentual é maior entre homens, nordestinos e mais pobres. O problema, porém, não é restrito a esses grupos. Quase metade (44%) dos jovens das classes A ou B, por exemplo, já repetiu.

Índices tão altos talvez tivessem justificativa caso isso melhorasse a qualidade da educação brasileira. Não é o que acontece, como lembra Ruben Klein, da Fundação Cesgranrio. "Se repetência funcionasse, o Brasil teria indicadores maravilhosos na educação. A escola tem que funcionar para que todos aprendam e não sejam reprovados."

Para a professora da Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo) Sílvia Coladello, os altos índices de repetência resultam da falta de diálogo entre o jovem e a escola. "De um lado, há um jovem que não valoriza o saber. Do outro, escolas que dialogam pouco com a realidade do aluno. O saber tem de ter sabor. Um desafio dos professores é recriar esse sabor."

Giovanna Cappellano de Carvalho, 16, que repetiu o primeiro ano do ensino médio em um colégio privado de São Paulo em 2006, diz que a relação com os professores influencia muito no seu desempenho. "Se o professor dá uma aula que me envolve, presto atenção e faço o que ele pede." Ela conta que brigava muito com a professora de disciplina em que reprovou. Mas assume sua responsabilidade. "Vi que estava perdendo tempo e amadureci."

O pai de Giovanna, Marcelo de Carvalho, 41, diz que, após a reprovação, decidiu mudar a filha de escola e matriculá-la em cursos técnicos. "Ela desenha bem, gosta de arte, de moda."

Para ele, a reprovação também teve efeitos positivos. "Você joga uma grana fora e expõe falhas no relacionamento com os filhos. Mas foi uma ruptura. Ela percebeu que a própria irresponsabilidade causou coisas ruins."

Apesar de concordarem que a reprovação deve ser combatida, diretores de escolas particulares de São Paulo afirmam que, em alguns casos, reter um estudante pode ser positivo.

"Uma reprovação não em de pára-quebras", diz Fátima Trindade, diretora-geral do Colégio Pio XII. Ela considera que muitas vezes a reprovação faz o aluno rever decisões e escolhas.

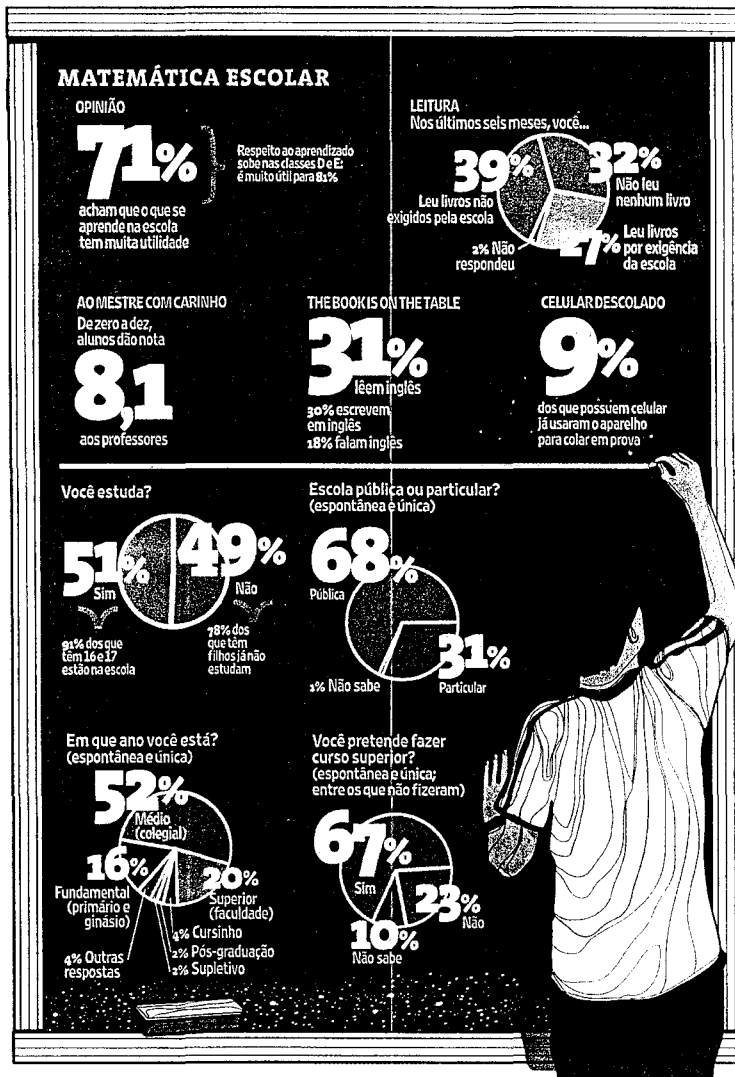
Para o diretor-geral pedagógico do Colégio Dante Alighieri, Lauro Spaggiari, o aluno pode ganhar segurança e passar a render mais. "Quando a família e a escola apóiam, ele se sente mais forte e percebe que era necessário."

Coisa de menino

Os números do Datafolha mostram que os meninos repetem mais do que as meninas: enquanto 63% delas já reprovaram, entre elas o índice cai para 46%.

"Temos uma cultura de escola primária que é mais feminina, que valoriza o assento, o comportamento, enquanto o menino é mais beligerante, mais ativo", diz o coordenador do programa de pós-graduação em educação da USP, Romualdo Portela.

Sílvia Coladello também vê influência cultural. "A mulher é mais incentivada a ser dócil e a lidar com as regras do jogo. Mas isso não significa que aprenda mais", afirma a professora.



Celular é usado na classe até para colar em provas

O celular já chegou à maioria (73%) dos jovens brasileiros e, com eles, às salas de aula. 17% afirmam utilizá-lo nesse ambiente e 9%, para colar nas provas. O uso em sala é mais comum nas classes A e B (23%) dos que possuem o aparelho do que nas classes D e E (13%).

Escolas tiveram que criar regras para impedir que os aparelhos atrapalhassem as aulas. O Colégio Bandeirantes, de São Paulo, por exemplo, permite o uso no pátio e nos intervalos, mas o restringe em dias de prova. "Se o aluno estiver com o aparelho no bolso, já pode ter a prova anulada", diz o coordenador pedagógico, Quêntino Rosa. Ele conta que os professores tiveram de aprender a lidar com problemas envolvendo aparelhos eletrônicos.

Já o Colégio Piaet chegou a proibir o uso em qualquer local. "Eles revelam lições na sala e correm ao banheiro para atender", diz a diretora pedagógica, Silvana Rodrigues. Hoje, porém, a escola permite que o aluno utilize o celular no pátio.

Segundo Regina Fleuss, do Colégio Notre Dame, do Rio, foi preciso adotar uma "tolerância zero". Ela diz que alunos e pais já entenderam que, caso precisem entrar em contato, devem usar o telefone da escola.

Querido mestre

Os jovens brasileiros fazem uma boa avaliação de seus professores e dão a eles, de zero a dez, uma nota média 8,1. Para a maioria (71%), o que se aprende na escola tem muita utilidade em suas vidas.

O percentual é ainda mais alto entre jovens das classes D e E. Eliane Filicetto, professora da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), diz que a população pobre valoriza muito a escola porque sua rede de oportunidades é mais restrita. "Um garoto de classe média tem uma rede de amigos e familiares que o ajudará a encontrar um emprego. Para um jovem mais pobre, isso é mais difícil." (AG E GH)